



Um tempo que são dois

O tempo implica passado (memória), presente (inspiração) e futuro (espera). O tempo é fenómeno, é forma transcendental, é matéria de arte e é inerente à condição humana. É teológico, histórico ou físico. É também Khrónos e Kairós, duas dimensões gregas para o tempo: a primeira do tempo medido, linear, metódico e igual para todos; a segunda do tempo subjetivo (às vezes passa a correr, outras demora uma eternidade).

Falamos de Khrónos quando observamos que o início do tempo, para os hebreus, começou na data da criação do mundo (3.761 "a.C"). Para os gregos, nas primeiras olimpíadas (776 "a.C"). Para os romanos, na fundação da cidade de Roma (753 "a.C"). Para os muçulmanos a partir da hégira, a fuga do profeta Maomé para a cidade de Medina (622 "d.C"). Quatro "tempos" reportados à era cristã, todos Khrónos e todos relativos, inclusive o nosso, porque se o monge Dionysius Exiguus se enganou no cálculo do ano de nascimento de Cristo, falar em "a.C" é uma discrepância temporal. Também é Khrónos quando fracionamos o tempo. Contamos em anos, meses, dias, até ao absurdo do googol (centésima potência de 10), um número imensamente grande, se

considerarmos que só existem 6×10^{24} gotas de água na terra. É um número que não serve praticamente para nada, digo eu, que não seja para envergonhar o "ego" da minha calculadora.

Já Kairós exige sabedoria para não desperdiçarmos a oportunidade.

Quando estamos apaixonados pelo que fazemos ou por quem nos acompanha; quando alimentamos a nossa alma; quando nos deixamos embalar ao som de uma música esquecendo o tempo; quando estamos ansiosos e o tempo parece uma eternidade. Kairós é o tempo de Deus ("um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um só dia") e, neste espaço há sempre dois tempos ("Para tudo há um momento e um tempo para cada coisa que se deseja debaixo do céu" –, Ecl 3, nos Livros Sapienciais): tempo para plantar e tempo para colher; tempo para chorar e para rir; para juntar e para espalhar; afastar e abraçar; perder e procurar; armazenar e distribuir; tempo para guerra e tempo para paz.

O Khrónos é o "tempo dos homens", condiciona-nos, persegue-nos nos relógios das praças públicas, nas plataformas ferroviárias, nos telefones, nos pulsos. Sempre presente,

para não haver atrasos. Mas, parafraseando G. Carlin no Paradoxo do tempo: Multiplicamos os nossos bens, mas reduzimos os nossos valores; Falamos de mais, amamos raramente, odiamos frequentemente; Aprendemos a sobreviver, mas não a viver; Adicionamos anos à nossa vida e não vida aos nossos anos. No final, ficamos com uma vaga noção de tudo, e um conhecimento de nada.

O Khrónos está definido (mais um ano chega ao fim, mais outro que começa), mas o Kairós, é por nós definido. Em sossego ou agitação, com romantismo ou com realismo, a pensar com a cabeça ou com a eternidade no coração, somos nós que escolhemos entre o tempo para estar ou o tempo para amar, a lembrar o significado "carpe diem", perpetuado pelos Romanos através da Ode a Leucónoe, de Horácio (65 a.C – 8 a.C), "Dum loquimur, fugerit invida aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.", traduzida por David Mourão-Ferreira para, "De inveja o tempo voa enquanto nós falamos:

trata pois de colher o dia, o dia de hoje,
que nunca o de amanhã merece confiança."